



Ministério

Adventista



SERMÃO DE
FORMATURA

PÁG. 16

Julho-Agosto de 1970



Orgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Carlos A. Trezza

Colaboradores especiais:
R. A. Wilcox e A. E. Schmidt

Assinatura Anual US \$ 3,00
Número Avulso US \$ 0,50

2005

Ano	Mês	N.º
36	Julho-Agosto	4

NESTE NÚMERO

CAPA: © E. Galloway

ILUSTRE O SEU SERMAO	2
EDITCRIAL	
PÚLPITOS E JANELAS	
Enoch de Oliveira	3
A IMORTALIDADE DA ALMA SEGUNDO SANTO AGOSTINHO — II	
Alberto Treiyer	4
FÓRMULA PARA A CONCLUSÃO DA OBRA DE DEUS	
Donald Hawley	6
PASSOS DO PREGADOR	
O ESPETACULAR	
Ron Runyan	7
NÃO FAÇA TUDO SÓZINHO	
Donald W. Mckay	9
“EU VOS ESCOLHI ...”	
M. S. Nigri	10
NESTA HORA DE CR’SE	
PODEIS VESTIR O MANTO DA LIDERANÇA NO REAVIVAMENTO?	
Robert H. Pierson	12
AO SEU LADO	
A ESPOSA DO MINISTRO EM RELAÇÃO A SEUS FILHOS	
Margit Stron Heppenstall	15
SERMAO DE FORMATURA	
J. Justesen	16
PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA	
O JUÍZO INVESTIGATIVO SOB O ASPECTO DO CONCEITO ARMINIANO	22

PÁGINA 2

ILUSTRE O SEU SERMAO

Com Vergonha de Voltar para o Lar

OS filhos são o tesouro mais precioso dos pais. Os anelos do coração de um pai também são bem ilustrados por Charles F. Brown, numa história narrada a ele por seu colega, que morava em Nova York.

Conhecia um homem que, em sua meninice, ficou cansado de estar em casa, e portanto fugiu. Tornou-se marinheiro e, por dez anos, trabalhou nos navios, ficando grosseiro, rude e bruto. Nunca, durante todo esse tempo, escreveu uma carta para casa. Pensou que em sua casa já o teriam por morto. Finalmente seu desejo de voltar ao lar tornou-se tão grande, que decidiu realizá-lo.

Entrou no pôrto, tomou um pequeno barco e remou em direção ao lar. Sobreveio-lhe a idéia de que talvez todos estivessem mortos. Tinha vergonha de ser visto durante o dia, e, portanto, esperou até à noite. Então remou em direção de casa, mas viu uma luz, e alguém que se movia na praia. Não desejava encontrar estranhos, e por isso se retirou outra vez. Voltou às dez, mas a luz continuava no mesmo lugar. Retirou-se outra vez e esperou até às onze, mas a luz estava ali ainda, e alguém estava andando pela praia. Aproximou-se do lugar, e eis que seu pai, de barba branca, olhos melancólicos, coração quebrantado, ali estava. Noite após noite, durante dez anos havia colocado uma lanterna para guiar e receber a seu filho que voltaria ao lar paterno.

Deus é assim. É um pai, e nenhum filho jamais será esquecido por Sua mente infinita, e dos propósitos inumeráveis de Seu coração amante.

Sêde Meus Imitadores

CONTA-SE a história de um velho cego que sempre levava consigo uma lanterna acesa quando saía à noite.

— O senhor não sabe quando é dia ou noite, disse-lhe alguém certa vez; por que leva sempre consigo essa lanterna?

— Oh, respondeu o velho; trago comigo a luz para que os outros não tropecem em mim!

O MINISTÉRIO ADVENTISTA



EDITORIAL

Púlpitos e Janelas

EXISTEM na Caucásia russa casas de aspecto estranho e singular. São construções semelhantes a uma torre; sólidas, elevadas, porém sem janelas. Em contraste com este estilo, vemos, com freqüência, nas grandes cidades deste continente, residências modernas, quase inteiramente de vidro. Duas concepções arquitetônicas diametralmente opostas. Estas mesmas concepções extravagantes se manifestam no campo da eloqüência sagrada.

Há sermões que são sólidos, convincentes e bem coordenados, porém, não possuem janelas, que são as ilustrações. Há, entretanto, aqueles que se compõem quase inteiramente de ilustrações, mas pecam pela ausência de solidez e substância.

Um conhecido professor de retórica, em um dos grandes seminários da América, reiterava com freqüência a convicção de que os sermões devem ser destituídos de ilustração. Porém, quando pregava, apesar de seus evidentes recursos retóricos, eloqüência privilegiada e elegância de dicção, não conseguia impedir que o cansaço físico e a exaustão mental, dominassem os seus ouvintes. Era evidente em sua pregação a ausência de ilustrações capazes de amenizar a aridez de sua exposição homilética.

Os pregadores de maior êxito são aqueles que sabem apresentar uma verdade abstrata — teológica ou filosófica — em linguagem simples e objetiva, valendo-se com habilidade do uso de ilustrações.

Um dos pregadores da Escócia que maior brilho emprestou ao púlpito protestante naquele país, foi Thomas Guthrie (1803-1873). Referindo-se ao seu primeiro pastorado, F. R. Webster escreveu:

"As pessoas que residiam dentro dos limites de sua paróquia, tôdas menos três, freqüentavam a sua igreja, e durante os sete anos de seu ministério, naquele lugar, houve na comunidade apenas um delicto criminal."¹

Em seu posterior pastorado, na cidade de

Edinburgo, sua igreja com capacidade para mil pessoas, se enchia em cada reunião. Os ouvintes se apinhavam nos corredores e junto às janelas do templo, para ouvir as suas homílias, revestidas de simplicidade e poder.

"Poucos homens compreenderam tão bem como ele quão grande é o poder de uma ilustração apropriada, e nenhum pregador jamais empregou a ilustração com maior efetividade que ele. O seu mundo estava cheio de quadros, e para ele a verdade era um conceito concreto ou não era nada."²

Whitefield, Beecher, Spurgeon, Moody, Morgan e outros notáveis príncipes da palavra, empregavam os argumentos como pilares de seus discursos, porém usaram as ilustrações, que são as janelas, para lançar luz sobre a lógica abstrata que muitas vezes caracteriza a exposição doutrinária.

Entre todos os pregadores antigos e contemporâneos, ninguém como Jesus valeu-se com mais propriedade do extraordinário recurso das ilustrações. Em Seu memorável discurso, conhecido como o sermão da montanha, encontramos 65 metáforas, que são como lampejos de luz, iluminando os Seus ensinamentos. Sal, luz, candeia, tesouro, traça, ferrugem, aves, lírios, erva do campo, pão, peixe, serpente, árvore, rocha etc. Sim, há um total de 65 metáforas! É um sermão que pode ser lido em alta voz, em apenas quinze minutos. Vale dizer que estas 65 metáforas foram enunciadas na proporção de três por minuto.

Há neste sermão um detalhe que merece ser destacado. Sobre os altos edifícios e antenas de rádio-emissoras, se encontram luzes vermelhas que servem de aviso aos aviadores em seus vôos noturnos. Através de um dispositivo elétrico especial, estas luzes se acendem e apagam sucessivamente. Sabe-se que estas iluminações breves são mais eficazes para despertar a atenção dos pilotos, que um foco que brilha continuamente. Da mesma forma, uma sucessão de metáforas, ilustrações, parábolas ou alegorias bem escolhidas e apresentadas em forma concisa, contribui para despertar e aumentar a atenção dos ouvintes.

As metáforas apresentadas pelo divino Pregador eram como focos de luz que cintilavam com intermitência, impressionando a mente e o coração daqueles que O ouviam, levando-os a exclamar: "Homem algum falou assim como este homem." S. João 7:46.

A Bíblia, a Natureza, a História e a vida humana com as suas experiências multiformes, são fontes inesgotáveis de ilustrações para os pregadores que conservam os olhos, os ouvidos e a mente abertos, nesta ávida e incansável coleta de material homilético.

Há, entretanto, uma outra fonte que não

(Continua na pág. 8)

A Imortalidade da alma

Refutações a estas provas baseadas na verdade imortal e sua união com a alma.

ALBERTO TREIYER

AGOSTINHO adianta-se em responder a duas refutações apresentadas contra o argumento da verdade:

a. "A ignorância e o esquecimento, e mesmo a própria estultícia, podem significar, com o alheamento da razão e da imutável realidade da verdade, uma aproximação ao nada e, por conseguinte, à morte."³⁴

Agostinho responde distinguindo entre "tender ao nada e chegar ao nada." Baseando-se no argumento da indestrutibilidade da matéria, já apresentado por numerosos filósofos, diz que o "corpo . . . por mais que se fracione nunca deixa de sê-lo. . . Muito menos se deve temer isso quanto à alma, que é em realidade melhor e mais vital que o corpo, ao qual comunica a vida."³⁵

Isto diz Agostinho, baseado no princípio do melhor. O corpo, "apesar de suas constantes e ordenadas transformações," apesar de sua mutabilidade, continua existindo. "A alma, soberamente mais nobre que o corpo, deve durar na existência sob a ação criadora e conservadora de Deus."³⁶

A esta argumentação agostiniana poderíamos responder que o princípio do melhor nem sempre opera como o supõe Agostinho. Sabemos que o corpo, enquanto não deixa de ser matéria, ao ser fracionado deixa, sim, de ser corpo, na concepção que antes se tinha dêle. Isto é, os elementos que o faziam corpo, passam a integrar corpos muito distintos na forma, e às vezes também na natureza. De maneira que deixa de existir com a unidade do que era, para ser outra coisa. Por isso, o basear-se, como o faz Agostinho, no princípio do melhor para remontar logo à imortalidade da alma, é dar um passo demasiado grande. Por mais nobre que seja a alma, deve durar, como o diz Agostinho, "sob a ação criadora e conservadora de Deus." E em relação a isto perguntamos: Como conclui êle que Deus não pode retirar essa "ação criadora e conservadora"? Teríamos assim, neste estudo, como único recurso seguro para resolver êste ponto, de passar a um plano teológico, bíblico. Mas o importante é notar que esta argumentação não tem valor como filosófica, por mais pêso que alguns lhe queiram dar.

b. Outra refutação do argumento da verdade é a da existência da falsidade. Agostinho também responde, mas indubitavelmente também aqui perdem fôrça os seus argumentos.

Afirma que "está bem claro e manifesto quanto pode prejudicar a alma a falsidade. Porque, pode fazer mais do que induzi-la em êrro? Mas só se engana quem vive. Não pode, por conseguinte, a falsidade matar a alma."³⁷

Busca também explicar isso de outra forma. "Deus não tem mais contrário que o não ser. Logo a verdade que se confunde com o primeiro ser não pode ter um contrário pelo que deixe de existir. Por conseguinte, tampouco a alma, que recebeu o ser e a verdade daquela primeira essência e verdade divina, pode morrer."³⁸

Dissemos que perde fôrça seu argumento porque pode ser explicado dando-lhe um sentido muito diferente. Dá a entender que a falsidade só existe enquanto vive a alma humana, e quer então concluir dizendo que isto demonstra que a existência da falsidade não pode matar a alma, sugerindo assim que ambas coexistem, e que portanto a alma é imortal.

Não procede esta conclusão de Agostinho, pôsto que, a menos que explique a imortalidade do êrro, pode-se dizer que pelo fato de ter a alma algo de verdade, vive; e por isso que tem também êrro, com o tempo deve morrer. Quer dizer que a alma humana vive por algum tempo graças à parte de verdade que tem, mas que, devido ao êrro, pode morrer. Podem-se tirar ambas as conclusões, de maneira que nenhuma delas é indiscutivelmente válida.

Por outro lado, a explicação de que a verdade — Deus — "não pode ter um contrário que deixe de existir," tampouco serve para demonstrar que a alma não pode morrer. Isto só se pode dizer daquilo a que Agostinho chama "verdade íntegra," ou da totalidade da verdade — Deus. Conquanto "a alma" tenha "recebido o ser e a verdade daquela primeira essência e verdade divina," também poderia ser que a verdade que haja recebido seja a verdade de que poderia morrer, e isto devido ao êrro que a "prejudica."

Notemos aqui que estamos usando a mesma espécie de argumento do qual parte Agostinho para provar a imortalidade da verdade: "Se perece a verdade, não será verdade que a verdade pereceu?" Como o homem só pode possuir parte da verdade, e não se baseia necessariamente em um princípio regedor verdadeiro para interpretá-la, suas conclusões amiúde o levam ao êrro e à falsidade. Mais: o homem apartou-se da verdade, e por isso essa "condição de união" da verdade com a alma que, segundo Agostinho,

Segundo Santo Agostinho II

é a razão, também se acha cheia de erro, como já vimos. E afastando-se da verdade, afastou-se d'Aquele que disse: "Eu sou . . . a verdade e a vida. De maneira que não há neste ponto base filosófica que prove a imortalidade da alma. A apresentação no plano teológico precisa da Bíblia como fundamento. Ela não apóia essa maneira de pensar.

II. A Felicidade não Pode Deixar de Existir

Agostinho cuida também de provar a imortalidade da alma mediante a argumentação seguinte:

1. Todos querem ser felizes.

2. "A vida feliz consiste no gozo da verdade"; esse gozo é a verdade de Deus, que é "a verdade, a iluminação e saúde" da alma. A "apreensão desta verdade significa sua aquisição total, nas asas de uma tendência rumo de Deus. . . . Lá onde encontrei a verdade, encontrei a meu Deus."³⁹ Esta apreensão da verdade, aparentemente, como podemos observar, dá-se intuitivamente.

3. "Pois bem, se todos os homens querem ser felizes, quererão também ser imortais, pois do contrário não poderão conseguir a felicidade. . . . Naquele vida . . . o homem . . . possuirá o sumo bem, que é Deus, fruição plena para os que O amam e felicidade alcançada e sempiterna." Devemos esclarecer que "não há mais que uma substituição da suma verdade pela sua bondade, que no fundo coincide com a verdade . . . porque o Filho de Deus imprimiu em nossa natureza o anelo de felicidade e imortalidade."⁴⁰

Esta prova baseia-se em grande medida na Sagrada Escritura e de certo modo no instinto de conservação do homem que, somado ao anelo de felicidade e imortalidade, nos revelaria a natureza de nossa alma. É, porém, preciso notar que nem todos aceitam as condições estipuladas pelo Livro sagrado para chegar a essa felicidade, e por conseguinte a imortalidade poderia ser relativa em certos casos. Muito mais se poderia dizer dessa argumentação, mas cremos não ser necessário insistir.

III. Prova Baseada na Fé do Filho de Deus

Sobre isto diremos apenas que, segundo Agostinho, "a fé, apoiada não em argumentos da razão, senão na autoridade de Deus, promete a imortalidade futura, e portanto a felicidade verdadeira, a todo homem, composto de alma e corpo."⁴¹ Isto é: Deus libertou o homem de sua mortalidade por meio da Encarnação do Verbo. Devemos de novo recordar que toda vez que Agostinho fala da mortalidade da alma,

refere-se à sua separação de Deus pelo pecado, e não quer dizer que perca essa "força de vida inextinguível."

Conclusão

Tôdas as provas aduzidas por Agostinho em favor da imortalidade da alma podem-se refutar dizendo que, assim como Deus pode criar uma alma susceptível de imortalidade, pode também tirar-lhe essa capacidade. Agostinho, ao recorrer à Bíblia para apoiar sua doutrina, encontra certas dificuldades que resolve de maneira engenhosa, mas não de todo convincente, se atentarmos para o contexto bíblico.

A idéia de Agostinho, de que a alma morre ao separar-se de Deus, mas continua existindo de um modo singular, fá-lo desembocar em outras dificuldades com o texto bíblico, que ele não expõe. Uma delas é a que resulta de afirmar que a alma tem capacidade de conhecer depois da morte do corpo, e ainda maior por ver-se já livre do corpo. Não recorre neste caso ao Salmo 146:4 nem a tantas outras passagens bíblicas que dizem claramente o contrário. Apóia-se na parábola do rico e Lázaro. Cai em outra dificuldade ao ter que admitir que tanto as almas dos ímpios como as dos justos são imortais e que, portanto, viverão eternamente. Isto o leva inevitavelmente a aceitar o castigo eterno dos maus, e prepara o caminho para a doutrina do purgatório.

Não é, pois, de estranhar o que disse E. G. White: "A teoria da imortalidade da alma foi uma das falsidades que Roma tomou emprestadas do paganismo, incorporando-as à religião da cristandade . . . doutrina que, semelhantemente à do tormento eterno, se opõe aos ensinamentos das Escrituras, aos ditames da razão, e a nossos sentimentos de humanidade."⁴² Declara com toda a precisão que "sobre o erro fundamental da imortalidade inerente, repousa a doutrina da consciência na morte."⁴³ O ensino da imortalidade da alma "se opõe aos ensinamentos das Escrituras," a crença no estado consciente dos mortos chocase com "os ditames da razão," e a doutrina do tormento eterno fere "nossos sentimentos de humanidade."

34 - *Idem*, pág. 138.

35 - *Ibidem*.

36 - *Idem*, pág. 139.

37 - *Ibidem*.

38 - *Ibidem*.

39 - *Idem*, pág. 142.

40 - *Idem*, págs. 142 e 143.

41 - *Santo Agostinho*, T. op. cit., V. 727.

42 - Ellen G. White, *O Conflito dos Séculos* (Mountain View, Califórnia, Pacific Press, 1963), págs. 549 e 545.

43 - *Idem*, pág. 545.

FÓRMULA

PARA A
CONCLUSÃO
DA
OBRA DE DEUS

DONALDO HAWLEY

Secretário de Relações Públicas, Grande Nova York

Interessa-se o leitor numa fórmula tríplice para terminar a obra de Deus em qualquer parte do mundo, sob quaisquer condições? Ei-la:

1. Uma força de obreiros e membros leigos totalmente dedicada e consagrada.
2. Essa força trabalhando em união, como equipe intimamente unida, e empenhada num plano nutrido pela oração.
3. Sincera confiança no Espírito Santo quanto ao poder necessário e ao êxito daí decorrente.

Há, naturalmente, duas falhas na fórmula: Primeiro que tudo, é velha como a Sé de Braga. Hoje todos sabem que qualquer idéia que tenha mais de dez anos de idade já não tem sentido para a época atômica.

Em segundo lugar, é demasiadamente simples. Como Naamã, tendemos a apreciar mais

algo que seja elaborado e complexo. Assim, o Céu espera enquanto procuramos afanosamente uma fórmula de nossa criação.

Que Dizer do Método e do Dinheiro?

Haverá quem se admire de que minha receita nem ao menos faça menção do dinheiro. Os projetos missionários estendem a mão à caridade pública. Somas fabulosas são exigidas. Mas, ou a prata e o ouro são do Senhor, ou não são. Se são, Ele por certo suprirá nossas necessidades, vendo que estamos dispostos a receber.

Lançamos mão de métodos. Quando vemos o talento e o tempo que requer a promoção de um nôvo detergente, sabemos que a obra do Senhor não pode progredir por mero acaso. Mas, se Deus teve um ótimo plano de batalha para Jericó, Ele sem dúvida tem um plano perfeito para a campanha finalizadora. Nosso perigo está em ser êle tão simples que o passemos por alto.

Que Diremos da Atividade?

Acena a hiperatividade. Os grandes homens de Deus, através dos séculos, têm sido homens de ação, e assim será sempre. Mas convirá refletir nas implicações desta mensagem:

Enquanto a energia, o fervor e a eficiência dos obreiros amortecem pelos esforços de tornar tudo muito sistemático, o penoso labor que tem de ser efetuado por nossos ministros para manter em movimento essa maquinaria complicada, monopoliza tanto tempo que é negligenciada a obra espiritual. — *Testimonies*, Vol. 4, pág. 602.

Nosso problema básico consiste em estarmos constantemente procurando um atalho para o reino de Deus. O estarmos várias décadas atrasados é indício claro de que tem sido em vão nossa busca. Afinal teremos que desistir e fazer o trabalho à maneira do Senhor.

Tão Simples, e no Entanto Dispendioso!

Nem tudo que é simples é fácil. A maneira de ação de Deus é a própria simplicidade, mas exige aquilo que nem sempre estamos preparados para dar. Requer disciplina espartana, remoção de divergências, genuína abnegação, ativa vida de oração — em suma, uma entrega completa. Em última análise, é muito mais fácil empenhar-se em fervoroso trabalho, do que em fervorosa oração.

Estamos de bom ânimo. Tôdas as manchetes proclamam que está às portas o fim de tôdas as coisas terrestres. Um dia, logo, muito logo sem dúvida, alguma igreja ou associação se renderá completamente a Deus. Em vez de buscar atalhos, buscará a justiça. Esta ação proclamará o final derramamento de Seu Santo Espírito sobre todos os que perseverarem até ao fim.



PREGADOR

O Espetacular

RON RUNYAN

SE um gerente de circo, inconverso, conseguisse chegar ao Céu, seríamos capazes de imaginar como ocuparia ele o tempo? Provavelmente procuraria convencer Daniel a desafiar os leões outra vez. Lázaro levaria multidões à função, como homem que morreu e ressuscitou duas vezes. Enoque, o primeiro viajante dos espaços de que existe registro, seria imediatamente contratado para aparecer em público. O ato de Josué, de deter o Sol, se fosse repetido garantiria enorme assistência. Encaixando a lista estaria o próprio Senhor. Imaginemos o anúncio de uma pessoa que instantaneamente abarrotasse de pão uma padaria, tudo provindo de cinco pãezinhos! Ou dentro de minutos enchesse de peixes todo um lago, começando com dois peixinhos!

Que paz nos viria, se omitíssemos o "espetacular"! Pensemos no que aconteceria se eliminássemos de nossa igreja todo vestígio disso. Bem me lembro de certa ocasião em que, assistindo a uma de nossas reuniões, apareceu o encarregado dos anúncios e começou a estruturar uma introdução adaptada a uma realeza. Alguns dos presentes pensavam que estivesse para aparecer um visitante da estratosfera. Por certo havia de estar do outro lado das cortinas alguém semelhante à rainha Elisabete. O anunciador continuou com a "sensacional narrativa" da conversão desse indivíduo. Afinal insinuou-se a palavra *Hollywood*. Então o enorme auditório tornou-se um só ouvido. Meu vizinho de banco aventou o nome de uma famosa estrela de cinema da qual mesmo o mais rigoroso menonita já ouvira falar. Veio o ponto culminante do anúncio quando através do microfone ressoou o nome da notável personalidade. Procurei dar a impressão de surpresa, e o mesmo fizeram outros amigos, embora nenhum de nós já tivesse ouvido esse nome. Com toda a sinceridade tivemos de admitir ser muito limitado nosso conhecimento em relação aos nomes dos atuantes de Hollywood. Nossa preocupação é a Bíblia, e não o cinema.

Mas a questão e que a igreja, ou pelo menos alguns da igreja, procuraram tirar desse acontecimento e dessa personalidade toda a metragem possível. A dita pessoa foi usada em nu-

merosas funções importantes, como a principal atração. Alguns anúncios de página inteira usaram mesmo expressões como "a estrela Fulana de Tal." Todas as reportagens que relacionavam com a igreja a história da conversão dessa pessoa, foram guardadas como relíquia.

Afinal a apostasia pôs ponto a toda essa história. Essa "manobra" nauseante ensinou uma lição a alguns de nós, mas não a todos.

Participo ainda, às vezes, de comissões para planejamento de programas, onde ouço observações como: "Bem, que poderemos fazer este ano para captar realmente a atenção do povo?" "Vamos conseguir Fulano, ele tem um modo fantástico de prender a atenção." "O que precisamos é um personagem *espetacular*, que garanta uma grande assistência!" "Convidemos o irmão F. Ele é uma figura controvertida; é isto que precisamos: algo que cause sensação aos irmãos."

E assim vem e vai outra reunião com o seu programa "espetacular." Os membros voltam ao seu estado modorrento e esperam ser de novo despertados por um novo, sensacional, gigantesco espetáculo.

Talvez, se seguissemos as instruções do Senhor, não nos tivéssemos que preocupar com tanto planejamento de programas. Haveria, naturalmente, muita programação de trabalho. Com efeito, o trabalho principal de um pregador não é junto ao púlpito, mas no planejamento para os membros. Ouçamos este conselho, vindo diretamente do Céu, e que é de perfeita atualidade:

"Que os membros da igreja, durante a semana façam fielmente sua parte, e no sábado relatem sua experiência. A reunião será então como alimento a seu tempo, trazendo a todos os presentes *nova vida e renovado vigor*. Quando o povo de Deus vir a grande necessidade de trabalhar como Cristo trabalhava para a conversão de pecadores, os testemunhos por eles apresentados no culto de sábado serão repletos de poder. Com alegria contarão da preciosa experiência que alcançaram ao trabalhar para os outros." — *Testimonies*, Vol. 7, pág. 19. (Grifo nosso.)

Notemos as palavras *nova vida e renovado vigor*. A igreja precisa hoje desta experiência,

tanto quanto nós precisamos de oxigênio. Em vez de catapultar uma ou duas celebridades de reunião para reunião, precisamos fazer de nossas igrejas teatros de ação, onde os espectadores sejam transformados em ativas testemunhas. Pensemos no tempo, energia e dinheiro que pouparíamos se tivéssemos milhares de celebridades em condições de dar um vibrante e vivo testemunho do que o Senhor fez para eles e por eles. Seria desnecessário tomar um ou dois recipientes da cura divina e levá-los de localidade a localidade. Nem nos seria necessário despachar um ou dois peritos em propaganda, de uma união para outra. Cada igreja teria um grupo de peritos ganhadores de almas em seu próprio recinto.

Não acontecerá de um dia para outro — mas esta experiência de “nova vida e renovado vigor” pode começar em proporções pequenas, se de fato planejarmos um programa de ação para nossos membros. Talvez para tanto seja preciso que um pregador conduza para fora vários de seus membros e lhes mostre como fazer visitas de porta em porta, como dar estudos bíblicos, não teoricamente, mas sim na prática. O pregador, naturalmente, terá por sua vez de ser um perito ele mesmo, pois é mesmo para isso que somos pagos. Recebemos salário pela simples razão de que nosso tempo integral deve ser dedicado ao planejar e promover a conquista de almas em nosso distrito. Mais se poderia dizer, mas a Bíblia e o Espírito de Profecia estão repletos de advertências quanto a este assunto.

Em certo sentido, nossa obra é que é o verdadeiro “espetacular.” Todo pregador capaz de treinar, organizar e pôr a trabalhar os membros, seguindo-se resultados, está fazendo algo definitivamente espetacular! Talvez nem ele nem os seus membros recebam reconhecimento em algum rali ou congresso, mas nas côrtes celestiais os anjos sorriem cada vez que chegam à consideração de seu nome ou o de qualquer de seus membros operantes. — *The Ministry*, nov. 1969.

Púlpitos e Janelas

(Continuação da pág. 3)

deveria jamais ser subestimada: a invenção propriamente dita. Cremos ser perfeitamente lícito inventar (no sentido técnico) uma ilustração, até mesmo em forma de história. Jesus usou este método em algumas de Suas parábolas. Temos como prova disso a maneira como introduziu a parábola do bom sementeiro. Disse Ele: “Eis que o sementeiro saiu a semear.”

Billy Graham, conhecido evangelista contemporâneo, em uma de suas grandes cruzadas de evangelização, valeu-se deste recurso. Pregando sobre o novo nascimento, perante um numeroso público, assim ilustrou o milagre da regeneração:

“Há uma história relacionada com um porco e um cordeiro. Um lavrador meteu um porco dentro de casa. Deu-lhe banho, poliu-lhe as patas, perfumou-o, atou-lhe uma fita em volta do pescoço e colocou-o na sala de estar. O porco fazia um vistaço. Quase parecia aceitável à sociedade e aos amigos que pudessem aparecer, til era o seu aspecto fresco e limpo. Durante alguns minutos foi um companheiro muito simpático, mas, mal a porta se abriu, o porco saiu da sala e pulou para dentro do primeiro lamaçal que encontrou. Por quê? Porque no íntimo continuava a ser porco. A sua natureza não sofrera modificação. Mudara por fora, mas não por dentro.

Agora, tome-se um cordeiro. Poixa-se o cordeiro numa sala de estar e depois corra-se com ele para o pátio, e ele fará o possível para evitar todos os lamaçais. Por quê? Porque tem a natureza de cordeiro.

Se tomares um homem, e o colocares no primeiro banco da igreja, ele poderá parecer até um santo. Durante algum tempo, poderá até enganar os amigos; mas, no dia seguinte, estando no escritório, em casa, ou num clube, a sua verdadeira natureza poderá voltar à superfície. Por que é que ele age assim?

Porque a sua natureza não se modificou. Não nasceu de novo.”³

O uso de ilustrações como esta, embora inventada, é de grande efeito gráfico, pois apela à imaginação do ouvinte, levando-o a compreender em forma objetiva a mensagem do pregador.

Mas, devemos cuidar que a invenção não nos leve ao extravagante, ridículo, absurdo e inconveniente.

Destacando a importância do uso de ilustrações na apresentação dos grandes temas da fé, não nos furtamos ao dever de denunciar o abuso no emprego deste recurso. Sermões há que se assemelham a uma espécie de coletânea de ilustrações, contos e experiências que visam suscitar o riso, despertar as emoções e entreter os ouvintes. Estes são como as casas de vidro. Representam um errôneo e censurável conceito homilético.

Concluindo, dois são os males a evitar. De um lado, o perigo de uma pregação árida, caente de ilustrações. Do outro lado, homílias com excesso de janelas, porém destituídas de conteúdo.

Dois extremos censuráveis.

No meio-térmo está o caminho da virtude!

ENOCH DE OLIVEIRA

(1) F. R. Webster, *The History of Preaching*, (Milwaukee: Northwestern Publishing House, 1955, II), pág. 336.

(2) T. Harwood Pattison, *The History of Christian Preaching*, (Philadelphia, American Baptist Publication Society, 1903), pág. 326.

(3) Billy Graham, *Paz com Deus*, (Rio, Casa Publicadora Batista), pág. 166.



Não Faça Tudo Sòzinho

DONALDO W. MCKAY

Membro leigo, Nova York

MINISTROS há que procuram cumprir sòzinhos todos os deveres da igreja. Passam longas horas preparando seu sermão de sábado, e metade dêsse tempo no preparo para o culto de oração. Além disso, campanhas para arrecadação de fundos, reuniões de mesa e comissões, problemas pessoais dos membros, visitas aos doentes, enterros e casamentos etc., ocupam tanto tempo que o pastor tem pouco vagar ou verve para sua tarefa real, que é cumprir a comissão evangélica (S. Mat. 28:19).

Um bom executivo raro parece sobrecarregado. Isto, porque delega responsabilidades a outros, e todavia sabe o que está ocorrendo. O ministro deve também designar certos deveres definidos (e cuidar que sejam cumpridos), aos oficiais e membros de sua igreja. Muitas vezes, tudo que o ancião local faz é cada sábado assentar-se no estrado, para anunciar um hino ou possivelmente fazer a primeira oração. O trabalho rotineiro de muito diácono é arrecadar a oferta semanal e indicar assentos aos membros.

—Mas, direis: não há na igreja ninguém capaz de cumprir certas tarefas da maneira em que eu o faço. Além do mais, quem não quer, manda, e quem quer, faz.

Certo. Mas lembre-se de que há alguns membros leigos que são quase igualmente capazes. Pelo menos eles terão uma intuição de dever cumprido, e com isso você poupará tempo. Talvez da próxima vez farão melhor. “Em cada igreja,” diz Ellen G. White, “existe talento que, com a devida espécie de trabalho, pode desenvolver-se e tornar-se grande auxílio nessa obra.” — *Testimonies*, Vol. 9, pág. 117.

“Não é desígnio de Deus que fique com os ministros fazer a maior parte da obra de semear as sementes da verdade. Homens que não são chamados ao ministério devem trabalhar por seu Senhor conforme a habilidade de cada um.” — *Idem*, pág. 128. “Devemos ser cuidadosos em não assumir encargos que outros podem e devem assumir.” — *Idem*, Vol. 3, pág. 13.

Lembremo-nos sempre de que os membros leigos desenvolvem-se quando têm responsabilidades. Além disso, a magnitude do empreendi-

mento de proclamar a comissão evangélica é demasiado abarcante para que os ministros sòzinhos dêle dêem conta nesta geração. “Evangelificação” deve ser a senha de todo cristão. Todos devem dar testemunho de sua fé.

Os discípulos de Cristo reconheciam a presença de propagar a mensagem evangélica. O Senhor, crucificado e ressurrecto, era seu pensamento soberano. Sua vida girava em torno d’Ele. Embora lhes faltassem títulos acadêmicos, não tivessem cargos na igreja, nem fundos para a evangelização, davam testemunho de sua fé.

Incutamos em nossos membros o conhecimento de que os cristãos primitivos enfrentavam maiores obstáculos do que qualquer que exista agora. Eram uma minoria desprezada, e muito menor do que os adventistas do sétimo dia. Os judeus eram-lhes abertamente hostis, e ridicularizavam-nos os gentios pagãos. A despeito de perseguições, alcançaram assinalado êxito, porque eram obedientes à visão celestial (Atos 26:19).

Não só temos o mesmo evangelho que os cristãos primitivos, mas temos instrumentos muito melhores e métodos mais avançados, ao nosso dispor.

Tomemos tempo para cuidar que “cada membro da igreja seja instruído num sistema regular de trabalho. De todos se requer que façam alguma coisa para o Senhor. . . . O ministro que eduque, discipline e dirija um exército de obreiros eficientes terá gloriosas conquistas aqui, e rica recompensa o aguarda quando, ao redor do grande trono branco, se encontrar com os que foram salvos mediante a sua influência.” — *Testimonies*, Vol. 5, pág. 308.

Para operar com o máximo de eficiência o ministro tem de ter um preparado núcleo de obreiros leigos. Naturalmente deve êle trabalhar muito mais árduamente que qualquer outro de sua igreja, mas lembre-se de que não deve tentar fazer tudo êle mesmo. Organize seus membros em ativo trabalho por Cristo; a cada qual, inclusive os aleijados e inválidos, deve ser dada uma tarefa, por pequena que seja. Únicamente pela ação unida podemos esperar apressar a volta de Jesus. — *The Ministry*, nov. 1969.

“Eu Vos Escolhi...”*

M. S. NIGRI

Secretário da Divisão Sul-Americana

AQUI estamos reunidos, a igreja de Deus e Seu ministério, para a ordenação de treze novos pastores.

A ordenação de um ministro na Igreja Adventista do Sétimo Dia é uma das ocasiões mais comovedoras e uma das mais belas cerimônias. É a separação e investidura de um homem, chamado por Deus e eleito por Ele, para o exercício da mais bela e santa das vocações: o Ministério Evangélico.

Esta separação e investidura é feita pela oração e imposição das mãos do santo ministério.

Quando nos lembramos que Deus teve um único Filho e O fez Ministro, compreendemos a solenidade e importância deste momento, especialmente quando se dá a imposição de mãos.

Jesus Cristo deixou tudo, Seu Pai, Seu trono, Seus companheiros e veio como missionário a esta Terra para ser um Ministro do reino de Deus. Paulo também deixou tudo para ser um ministro; também Pedro e André, João e Tiago, e Mateus, e Zaqueu e nós, e tantos outros; e hoje também vós, os treze.

“Eu Vos Escolhi ...”

De um dos sermões de Jesus Cristo, o grande Pastor das ovelhas, desejo tirar alguns pensamentos para vossa meditação esta tarde, mas que também vos acompanhem em vossa vida como ministros. Refiro-me às palavras que encontramos no capítulo 15 do Evangelho de São João.

Este capítulo 15 é um dos maravilhosos capítulos da Bíblia e está entre outros dois também muito importantes: o 14, onde o grande Pastor anuncia que virá outra vez e o 16, onde Ele dá a certeza do êxito de Sua missão nas seguintes palavras: “Tenho-vos dito estas coisas, para que em Mim tenhais paz. No mundo tereis tribulações; mas tende bom ânimo, *Eu venço o mundo.*” (V. 33.) (Grifos nossos.)

Porém, é no capítulo 15 que o Senhor fala duma maneira toda Sua, da união íntima e

necessária que deve haver entre Ele e Seu obreiro, antes que volte para estabelecer o reino eterno. Creio que este sermão do grande Pastor se aplica a nós hoje e são suas palavras que usarei neste momento de vossa ordenação.

Desejo, entretanto, ressaltar o verso 16 e impressionar-vos com o que o Senhor diz ali: “Vós não Me escolhestes a Mim, mas *Eu vos escolhi* a vós, e *vos designei*, para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça, a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em Meu nome, Ele vo-lo conceda.” (Grifos nossos.)

Notemos como algumas traduções apresentam este versículo:

Revisada de Valera, em castelhano: “No me elegisteis vosotros a mí, mas *yo os elegí* a vosotros; y os *he puesto* para que vayáis y llevéis fruto. . . .” (Grifos nossos.)

American Standar Edition (1901), em inglês: “*I have chosen you, and ordained you . . .*” (Eu vos tenho escolhido e ordenado . . .) (Grifos nossos.)

Que pensamento! Um homem ser escolhido, eleito, designado e ordenado por Deus para o trabalho especial de levar almas a Jesus! Não há outro objetivo neste serviço de ordenação. Vós não estais sendo separados para outra responsabilidade que não seja a salvação de almas. Jesus “veio buscar e salvar o que se havia perdido (S. Luc. 19:10), e esta é também a vossa principal missão.

Ser ordenado como Ministro de Deus é assumir a maior responsabilidade jamais imposta a um homem!

Deus sempre escolheu e separou homens: Abraão, Moisés, Eliseu, Isaías, Paulo, a nós e a vós hoje. Que segurança e conforto saber que é Jesus mesmo quem escolhe e ordena. Posso vê-Lo andando pela Judéia e a linda Galiléia buscando homens (S. Mat. 4:18-22). Junto ao lago de Genesaré Ele chamou a Pedro e André, filhos de João; no caminho para a Galiléia chamou a Tiago e João, filhos de Zebedeu; mais tarde a Levi Mateus, filho de Alfeu.

Hoje também o Senhor escolheu e separou para o santo ministério a Juan, filho de Castilho; a Warren, filho de Ashworth; a Benjamín, filho de Gómez; a José, filho de Luque; a Carlos, filho de Marsollier; a Jorge, filho de

* Sermão proferido na cerimônia de ordenação durante a assembléia quadrienal da União Austral, 27 de dezembro de 1969.

Mato; a Pedro, filho de Orué; a Alberto, filho de Pereira; a Júlio, filho de Peverini; a Nestor, filho de Sand; a Victor, filho de Schultz; a Gilberto, filho de Treves e a Pedro, filho de Tabuena.

Vós sereis os nossos cooperadores e pastores do rebanho do Senhor.

Como e onde o grande Pastor vos usará? Se Ele nos pudesse antecipar o futuro de cada um, diria que alguns terão de dedicar-se à dura e espinhosa tarefa de administrar; outros serão professores, departamentais e a maioria continuará como pastores e evangelistas; Já temos um médico e um redator entre os treze, assim como havia um Lucas, também médico e escritor, entre o grupo.

Alguns serão chamados a lugares duros e difíceis na pátria ou no estrangeiro e, quem sabe, um terá de dar até a sua vida pela sua fé. Esta foi a experiência dos valdenses. Acabo de ler um livro sobre os valdenses, este povo fiel, muitas vezes quase dizimado, mas duma fé a toda prova em seus dias! Dentre seus líderes destaca-se Josué Giavanelo, herói de Rorá, que num momento épico, cercados pelos inimigos disse aos seus concidadãos: "Nada seja mais forte que a tua fé!" Estais dispostos a fazer o mesmo?

Os dias que estão diante do ministério adventista são dias que pedirão de vós mais e mais fidelidade, valor e sacrifício. Paulo, escrevendo a sua segunda carta a Timóteo, disse: "Sofre comigo como bom soldado de Cristo Jesus. Nenhum soldado em serviço se embarça com negócios desta vida, a fim de agradar àquele que o alistou para a guerra. . . . Fiel é esta palavra: se, pois, já morremos com Ele, também com Ele viveremos; se perseveramos, com Ele também reinaremos . . ." (Cap. 2:3, 4, 11 e 12.)

A irmã White deixou-nos a seguinte advertência: "Perto está o tempo em que ao mundo sobrevirá tal dor que nenhum bálsamo humano a poderá curar. O Espírito de Deus está sendo retirado. . . . Mas os fiéis mensageiros de Deus devem prosseguir firmemente com sua obra. Revestidos com a armadura do Céu, devem avançar desarmada e vitoriosamente, jamais cessando de lutar." — *Serviço Cristão*, págs. 52 e 56.

Como podereis avançar com segurança a vitória? Voltemos ao maravilhoso capítulo 15. Ali o grande Pastor nos mostra quatro passos que nos ajudarão a viver uma vida ministerial vitoriosa:

1. "Permaneço em Mim." (V. 4.)

Isto é, comunhão com Jesus no ministério! Como? "Se vós permanecerdes em Mim e as *Minhas palavras* permanecerem em vós . . . (V. 7 pp.) (Grifos nossos.) Sim, o estudo e meditação da Palavra de Deus é que identifica o ministro com o grande Pastor. O resultado?

"Quem permanece em Mim e Eu nele, esse dá muito fruto. . . . Nisto é glorificado Meu Pai, *que deis muito fruto*; e assim sereis Meus discípulos." (Vs. 5 e 8.) (Grifos nossos.)

2. "Pedi o que quiserdes." (V. 7, segunda parte.)

Isto é vida de oração com Jesus no ministério! O poder da oração é algo extraordinário. Escreveu Jorge Müller: "Não há nada mais temido por Satanás que a oração. . . . O que mais interessa a Satanás é impedir que os cristãos orem o suficiente. . . . Ele se ri do nosso trabalho, caçoia de nossa sabedoria, mas treme quando oramos." (O resultado de orar?) "Pedi . . . e vos será feito." (V. 7, última parte.)

3. "Permaneço no Meu amor." (V. 9, última parte.)

Isto é o amor a Jesus no ministério. Como? "*Se guardardes os Meus mandamentos*, permanecereis no Meu amor; do mesmo modo que Eu Tenho guardado os mandamentos de Meu Pai, e permaneço no Seu amor." (V. 10.) (Grifos nossos.) Sem dúvida, que o homem moderno está no caminho da ilegalidade; a lei seguida será a da força, do mais forte; a lei do amor de Deus será conspurcada, criticada e quebrada, porque o egoísmo e o orgulho tomarão o lugar do amor. Mas o ministro de Deus deverá ser fiel à lei; deverá estar na brecha tapando o muro. Obedecer é permanecer no amor de Deus.

4. "Que vos ameis uns aos outros." (V. 12.)

Isto é o amor ao próximo no ministério. Como cumprir este mandamento? "Assim como *Eu vos amei*" (V. 12, última parte). (Grifos nossos.) Continua Jesus: "Ninguém tem maior amor do que este, *de dar alguém a sua vida* pelos seus amigos" (V. 13). (Grifos nossos.) Livingstone escreveu (em 1851): "É alguma coisa ser missionário. . . . Deus teve um único Filho Ele foi missionário. . . . É alguma coisa seguir, por mais débeis que sejamos, as pisadas do grande Mestre e missionário-módulo. . . . Eu sou um bem pobre imitador, porém desejo continuar sendo Seu imitador. Eu espero viver em Seu serviço e ali quero morrer. É uma grande honra ser um colaborador de Deus." O ministro deve amar o seu semelhante; aquele que não ama não pode ser ministro. A vida do ministro é uma vida de amor. Em vosso ministério, amai a todos sem distinção de raça, de pele, de educação, de religião. Se fôr necessário, amai até dar a vida, como Jesus fez.

Conclusão

Por que Jesus pronunciou este sermão?

Eis a resposta: "Estas coisas vos tenho dito, *para que o Meu gozo* permaneça em vós, e o vosso gozo seja completo." (V. 11.) (Grifos nossos.)

(Continua na pág. 21)

Podeis Vestir o Manto da Liderança no Reavivamento

ROBERT
(Presidente)

NÓS dizemos o que sabemos e testificamos o que temos visto." Estas palavras de Jesus, registadas no Evangelho de S. João, cap. 3, v. 11, devem ser o testemunho de todo obreiro adventista do sétimo dia, servindo como se acha na hora mais desafiante da história deste mundo. Como pregadores precisamos falar acerca daquilo que realmente "sabemos." Nossas mensagens têm de ser apropriadas ao tempo; têm de ser também aplicáveis a nossa própria experiência cristã. Como diria a mocidade de nossa geração: "Fazei-o concreto, fazei-o vívido, fazei-o pessoal, fazei-o agora."

Alguém indagou da fonte do poder que se manifestava no ministério de um pregador muito conhecido. A resposta encerra mais do que um pensamento passageiro para vós e para mim, ao examinarmos nossa vida e nossa maneira de pregar: "Ele vive muito achegado ao coração de Deus e do trono, e recebe mensagens secretas e no-las apresenta." "Quão triste é que tantos dentre nós estão a pregar mensagens rasas, insípidas, destituídas de poder, por isso que nossa fé é débil, nosso coração frio, e falamos acerca de assunto de que pouco sabemos!"

Vós e eu falamos de avivamento e reforma. Ansiamos que isso se dê. Assim o dizemos. Que, porém, estamos fazendo em relação ao nosso próprio viver e ao nosso ministério, para que se torne real em nossa comunidade esta experiência pentecostal? Se vem o reavivamento ao nosso distrito ou nossa cidade, é porque tem de haver algum viver reavivalista, alguma pregação reavivalista, alguma liderança reavivalista de nossa parte. Temos que falar acerca do "que sabemos" e testificar do "que temos

visto." A tradução de Phillips diz "realmente sabemos."

Através da história do Seu povo, o Senhor tem escolhido homens sobre os quais pôde pôr o manto da liderança reavivalista. Esses homens, inspirados pelo Espírito Santo, atuaram poderosamente em favor do necessitado povo de Deus. Bem nos convém avivar frequentemente nossa idéia acerca do que o Senhor fez por outros, nos tempos passados.

"O que Deus faz não é segredo:
Aquilo que por outros fez,
Também por ti fará bem cedo."

Com estas palavras do hino a soarem em nosso ouvido, volvamos nossa atenção aos homens de Deus que falaram acerca de algo que realmente sabiam e que deram testemunho daquilo que de fato tinham visto.

Os Reavivamentos Começam com uma Pessoa

Nove séculos antes de Cristo, nos dias dos ímpios Acabe e Jezabel, a apostasia desabou sobre Israel qual nuvem negra. Nessa hora Deus usou um homem para promover o refrigério espiritual no reino do norte. O "destemeroso ministério" de Elias "destinava-se a deter a rápida propagação da apostasia em Israel" (*Profetas e Reis*, pág. 119). "Com a exterminação dos profetas de Baal, estava aberto o caminho para uma poderosa reforma espiritual entre as dez tribos do reino do norte." — *Idem*, pág. 155.

O "destemeroso ministério" de Elias — testemunho de um solitário pregador da justiça — promoveu a reforma entre o povo de Deus.

to da amento?

PIERSON
Associação Geral)



Colega pregador no Movimento Adventista: Que espécie de reavivamento e reforma o seu ministério, a sua pregação, trazem ao necessitado povo de Deus de hoje? Está você entre-tendo, transmitindo notícias, filosofando, ou *pregando*? Reavivamento requer alguma pregação destemerosa, apoiada por um coerente viver piedoso. Alguns poucos Elias realizariam hoje uma poderosa obra em Israel! Com sinceridade: Que está você pregando em nossos dias? Fala acerca de algo que realmente sabe, ou está apenas cumprindo um compromisso?

Quando Elias pregava no reino do norte, Deus ao mesmo tempo usava outro homem no sul. Josafá continuava a boa obra empreendida em Judá pelo pai, Asa. Destruiu os centros do culto a Baal, e "teve lugar um reavivamento" (*Idem*, pág. 191).

"O Senhor foi com Josafá, porque andou nos primeiros caminhos de Davi, seu pai, e não procurou a Baalins. Antes procurou ao Deus de seu pai, e andou nos seus mandamentos, e não segundo as obras de Israel. O Senhor confirmou o reino na sua mão, e todo o Judá deu presentes a Josafá, o qual teve riquezas e glória em abundância. Tornou-se-lhe ousado o coração em seguir os caminhos do Senhor, e ainda tirou os altos e os postes-ídolos de Judá." II Crôn. 17:3-6.

É impressionante ler da tremenda influência que um só líder dedicado teve sobre o povo de Deus e como essa influência conclamou velhos e jovens na hora da crise. "Durante anos ele havia ensinado o povo a confiar nAquele que nos séculos passados Se tinha interposto tantas vezes para salvar Seus escolhidos de com-

pleta destruição; e agora, quando o reino estava em perigo, Josafá não estava sozinho; 'todo o Judá estava em pé perante o Senhor, como também as suas crianças, as suas mulheres, e os seus filhos.' II Crôn. 20:13. Unidos jejuaram e oraram." — *Profetas e Reis*, pág. 200.

Está você preparando o seu povo, para em sua companhia, subsistir na hora da crise à frente? Um viver casual, descuidado; sermões brandos, destituídos de vida, jamais conclamarão o povo de Deus nem o prepararão para o tempo da angústia e para a vinda do Salvador no futuro próximo, muito próximo. Com seriedade: Está você à altura? Demonstra-se em seu viver e seus sermões um ar de expectativa e de urgência, que convença aqueles com quem você entra em contato, de que você realmente é sincero no que diz? Que espécie de reavivamento e reforma sua vida e sua pregação inspira a sua igreja?

Anos atrás aconselhava-nos a mensageira do Senhor: "É necessária uma reforma entre o povo, mas deve começar primeiro sua obra de purificação com os ministros." — *Testimonies*, Vol. 1, pág. 469.

Quando Ezequias subiu ao poder, não perdeu tempo em iniciar o reavivamento, tão necessário em seus dias. "Começaram, pois, a santificar no primeiro dia do primeiro mês." II Crôn. 29:17. "Congregaram a seus irmãos, santificaram-se e vieram segundo a ordem do rei pelas palavras do Senhor, para purificarem a casa do Senhor. Os sacerdotes entraram na casa do Senhor, para a purificar, e tiraram para fora, ao pátio da casa do Senhor, toda imundície que acharam no templo do Senhor; e os

levitas a tomaram, para a levarem fora, ao ribeiro Cedrom." Cap. 29:15 e 16.

Havia-se insinuado a apostasia. Era preciso haver uma obra de reavivamento. Ezequias não perdeu tempo em empreender as reformas necessárias. Reorganizou os serviços religiosos. Removeu os lugares altos. Destruiu os ídolos. Reparou e limpou o templo. Coligiu e publicou os provérbios de Salomão. Ezequias era líder dinâmico, piedoso. Agia de molde a inspirar confiança por parte do povo de Deus. A Palavra regista: "O povo cobrou ânimo com as palavras de Ezequias." Cap. 32:8.

O exemplo de Ezequias compelia o povo a segui-lo e a confiar em Deus. Naquela hora de Crise nacional e espiritual, o Senhor abençoou os seus esforços por promover a reforma entre as fileiras do povo de Deus. Esse reavivamento, naquela ocasião, salvou a Judá do cativo e ao povo de morte cruel.

Existem em sua igreja alguns "lugares altos" que precisam ser removidos? Existem em sua congregação ídolos que devam ser destruídos? Precisa de purificação o templo de sua escola ou de sua igreja? Qual, realmente, a espécie de programa que *você* está levando a termo em sua Associação, em sua Missão, em sua igreja, em sua instituição? Um dia, irmão, teremos de enfrentar essas interrogações — não junto à escrivanhinha de nosso presidente, mas à barra do tribunal divino. Nossa vida e nossa pregação hoje devem dar prova do fato de que disso estamos apercebidos plenamente, e de que, com o auxílio de Deus, não queremos estar em falta naquele dia de ajuste de contas!

"Quando os ministros reconhecem a necessidade de completa reforma em si mesmos, quando sentem que devem alcançar mais elevada norma, sua influência sobre as igrejas será *surguedora e purificadora*." — *Testemunhos para Ministros*, pág. 145.

Pode o povo descansar em nossas palavras? Inspira nossa pregação confiança em Deus, em Sua Palavra, e no Espírito de Profecia? Fomentam nossas palavras confiança na mensagem do Advento, na igreja, no ministério, e uns nos outros? Talvez precisemos hoje, em nosso meio, de mais pregadores do calibre de Ezequias!

Seja como fôr, temos necessidade de come-

çar "a santificar no primeiro dia do primeiro mês." Não pode haver demora em nosso exemplo de viver e pregar de tal maneira que inspire reavivamento e reforma entre o povo de Deus. Deus conta conosco, a igreja conta conosco, no sentido de que demos à trombeta somido certo — somido apoiado e sustentado por uma vida piedosa!

Ao entrar na varanda do lar de um colega missionário, notei na parede um pequeno cromo com os dizeres: "*Se você não o puder viver, não o pregue*." Isto é bom conselho para todos nós. Se não pudermos introduzir em nossa vida o reavivamento e reforma, não devemos pregar o reavivamento e reforma. Se não houver em nosso viver uma intuição de urgência, como podemos esperar atear a chama da urgência na vida dos que se assentam sob nosso ministério? Como podemos pregar o arrependimento, o novo nascimento, a piedade prática, a vida santificada, se nossa própria experiência não demonstra que estamos a falar de algo que de fato sabemos?

Paulo pergunta a todo pregador: "Preparado como te achas para instruir aos outros, alguma vez ensinas qualquer coisa a ti mesmo? Pregas, por exemplo, contra o furto, mas estás certo quanto a tua própria honestidade? Denuncias a prática do adultério, mas tens certeza de que tu próprio és puro? Abominas a idolatria, mas és inteiramente honesto quanto à propriedade dos templos pagãos? Todos sabem quanto te orgulhas da lei, mas isto representa uma proporcional desonra a Deus quando os homens soberem que tu a transgredes!" Rom. 2:21-23, Phillips. "Que é que te faz pensar que tu, que tão prontamente julgas os pecados alheios, te podes considerar para além do julgamento de Deus?" Cap. 2:3, Phillips.

Isto merece nossa reflexão, amigo meu. Mais importante: é algo que exige que você e eu façamos alguma coisa. *Estamos na verdade preparados para ervergar o manto da liderança no reavivamento?* Estamos falando de coisa que realmente sabemos? acerca de um assunto que operou uma transformação em nossa própria vida? Conceda o Senhor que por Sua graça possamos afirmar que isso é efetivamente verdade! — *The Ministry*, nov. 1969.



Para a Espôsa do Pastor

A Espôsa do Ministro em Relação aos Seus Filhos

MARGIT STRON HEPPENSTALL

Espôsa de Ministro, Loma Linda, Califórnia

PORVENTURA já alguma vez vossos filhos, ao voltarem para casa, se queixaram de seus companheiros de brinquedo, por os haverem chamado "filhos de pastor?" Parece-me que êsse epíteto é-lhes muitas vêzes dado pelos que os classificam como diferentes das outras crianças. Por ser ministro o pai, presume-se que sejam mais santos do que qualquer outra casta, e os excluem da participação em muitas proezas normais da infância. Se participam e não se saem bem, outros os censuram muito mais severamente do que aos seus iguais, pois dêles se espera que façam melhor que os outros.

Às crianças não agrada serem diferentes. É lamentável que, no caso dos filhos de ministros, o povo tenha a tendência de formar uma imagem estereotipada do que deviam ser. É verdade que o comportamento de qualquer criança reflete, para bem ou para mal, a reputação dos pais. O ministro tem uma vocação solene e vasta influência. "O ministro que permite que seus filhos cresçam indisciplinados e desobedientes, verificará que sua influência no púlpito é anulada pela conduta desagradável dos filhos." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 201.

Nada existe de irrazoável nesta declaração. Não diz que os filhos dos ministros devam ser melhores que os outros. Diz, simplesmente, que o ministro é mais vulnerável do que os outros pais, se negligenciar a educação correta dos filhos.

"O rei em seu trono não tem função mais elevada que a mãe. . . . Ela tem em seu poder modelar o caráter dos filhos, para que estejam capacitados para a vida mais alta, imortal. Um anjo não desejaria missão mais elevada; pois em fazendo sua obra ela está realizando serviço para Deus." — *O Lar Adventista*, pág. 231.

Para satisfazer ao repto da maior de suas tarefas, precisa a espôsa do ministro sabedoria divina para se manter na posição rigorosamente exata nesse problema. Como poderá ela proteger o filho das desvantagens de ser mais objeto do olhar público do que as outras crianças? Como poderá ela combater os efeitos detrimentes do tratamento que lhe dão as pessoas que como que o escolhem dentre os outros, observando-o rigorosamente? Há membros da igreja que adulam os filhos do pastor um dia, e no seguinte os criticam acerbamente. Mesmo professores da escola paroquial, não importa quão bem intencionados sejam, às vêzes expressam sua expectação de que os filhos do pastor cumpram de modo superior as tarefas. Isto é malsão, é lamentável.

Com tino e prudência pode a espôsa do ministro fazer muito para atenuar essa influência nociva, vinda de fora do lar. Seu dever mais importante, entretanto, é ajudar a eliminá-la no interior do lar. É fácil tornarem-se o ministro e sua espôsa exageradamente cômicos e preocupados acêrca do comportamento dos filhos, especialmente numa igreja e localidade pequenas, onde a família vive como que em casa de vidro. Nesse ambiente impressionável há o perigo de transmitirem o ministro adventista do sétimo dia e sua espôsa a religião a seus filhos com espírito rígido, dogmático e crítico. Os pais que estejam resolvidos a manter a norma a todo o custo, terão a tendência de esperar demasiado dos filhos e martelar em erros pequeninos e imperfeições infantis. Assim fazendo, criam tensões emocionais insuportáveis no ambiente doméstico. O resultado final é desastroso.

(Continua na pág. 21)

Sermão de Formatura

Prof. J. JUSTENSEN

HÁ quase 2.000 anos, um homem solitário decidiu fazer uma viagem entre Jerusalém e Jericó. A estrada que tomou foi um desfileiro rochoso e traiçoeiro que descia 9.700 metros numa extensão de 33 km através de alguns dos piores trechos do deserto inabitável da Judéia.

Não era o único caminho entre Jerusalém e Jericó mas era o mais direto. Era também o mais perigoso, pois o terreno natural apresentava muitos esconderijos para os ladrões e os criminosos.

De fato, a estrada era tão notória que foi chamada por muitos séculos "O Caminho de Sangue." Mas neste dia esse homem estava com muita pressa. Ele arriscou sua sorte e começou a sua viagem. Não havia viajado muito quando de repente, foi atacado por ladrões.

Foi roubado, atacado e deixado quase morto. Então, a Bíblia diz: S. Luc. 10:31-34.

Esta história, narrada por Jesus Cristo tem sido uma das mais conhecidas de suas parábolas. Nas palavras de um teólogo famoso: "Esta parábola tem sido a consolação para o viajante, o sofredor, o proscrito e herege em cada época e país." O Desejado também relata que esta parábola não era uma cena imaginária mas uma ocorrência verdadeira, que era bem conhecida em Jericó e em Jerusalém.

Alguém pode pensar que esta história constitua um texto pouco próprio para uma ocasião especial como esta noite. O ponto que desejo enfatizar é que passamos tanto tempo discutindo o papel do Bom Samaritano que esquecemos outros detalhes da parábola.

Por exemplo: o judeu deixado quase morto, ao lado do caminho, significa os homens, em geral perdidos e roubados de sua imortalidade pelo diabo e seus anjos. O sacerdote e o levita eram membros oficiais do ministério organizado daquela época e mesmo assim, eles negligenciaram justamente a obra que o Senhor os incumbira de fazer. Falharam no seu ministério e no fim um leigo foi deixado a fazer o serviço que era deles. O fato tornou-se ainda mais grave porque o samaritano não era ortodoxo—Era um pagão meio convertido. Que Deus tenha misericórdia de nós hoje, se por acaso, devido à nossa falha no ministério, pecadores fora da igreja, devam fazer a obra que a nós está sendo confiada. Um comentarista

assim coloca esta questão de maneira muito hábil:

"Temos aqui a heresia com humanidade e a ortodoxia sem humanidade."

Mas, hoje à noite gostaria que vocês considerassem por que o sacerdote e o levita falharam no seu ministério. O que aconteceu? Quais foram as razões por que falharam tão redondamente?

Em primeiro lugar, o sacerdote e o levita falharam por que tiveram uma concepção errada do ministério. Para eles, ministrar era fazer, fazer sempre, fazer em prol da edificação de uma grande organização eclesiástica. Para eles, o ministério consistia em mera atividade nas funções da igreja. O livro Parábolas de Jesus, pág. 382, conta-nos que ambos, o sacerdote e o levita, estavam voltando de fazer o serviço a eles designado no templo em Jerusalém. Já tinham passado uma semana oferecendo os sacrifícios, e cuidando dos deveres do templo.

O fato de que ambos escolhessem este caminho perigoso quando uma estrada, via Belém, existia segura, embora mais longa, indica que estavam com pressa para voltar aos seus lares. Quando os sacerdotes e levitas não estavam de serviço no templo, eles serviam como autoridades da lei nas assembleias do povo. Dirigiam os serviços das sinagogas e faziam conferências para o povo. Possivelmente tinham de assistir a comissão de sua sinagoga local naquele dia, ou talvez tinham um sermão para preparar. Foi com grande inquietude mental que descobriram o homem ferido no caminho. O Espírito de Profecia diz, que, para o sacerdote e o levita ajudarem o ferido não era um serviço agradável. Coberto de tanto sangue e lama, era impossível descobrir se ele estava morto ou não. Tocar um corpo morto teria significado sete dias de poluição ritualista. Como poderiam sofrer um peso tão indesejável quando tinham tanto que fazer? Além disso, aos funcionários do templo não era permitido tocar em um cadáver. Por isso foi muito fácil para eles evitar seu óbvio dever e passar de lado o problema. E assim é hoje. Muitos ministros falham em sua vocação porque não compreendem o verdadeiro propósito do ministério.

No protestantismo de hoje, o papel do ministro, de pregador da justiça tem sido perdido de vista.

Um jovem ministro, três ou quatro anos atrás, nos Estados Unidos recebeu esta carta de uma mulher desconhecida:

"Poderia o senhor, visitar meu genro que está no Hospital Público, pertinho de sua cidade? Minha filha fugiu de casa alguns anos atrás e casou-se com ele. Desde então, ela não mais desejou entrar em contato conosco. Agora tenho ouvido que seu marido está morrendo de câncer e tem somente algum tempo de vida. Poderia o senhor visitá-lo porque ele não conhece a verdade."

Tal pedido desesperado devia ter recebido absoluta prioridade sobre tudo mais. Mas o ministro tinha tanto que fazer! Sua igreja estava em meio de um programa de edificação. Tinha um sermão importante por preparar para a Associação local de pais e mestres, bem como outros deveres. Aquela carta ficou em cima de sua escrivaninha por quase 10 dias, antes que ele finalmente fôsse ao Hospital tão-somente para descobrir que o homem havia falecido 2 dias antes. Atordoado e abatido pela descoberta do seu erro, o ministro saiu do Hospital. Tinha estado tão atarefado com a organização da igreja que, como o sacerdote e o levita, quando achou realmente uma alma em necessidade ele a pôs de lado.

Um dos perigos maiores deste ministério moderno, é que os deveres externos da organização, os alvos e mais alvos que são jogados às costas do ministro são considerados como um fim em si mesmos enquanto que os verdadeiros deveres para com as almas ao redor de nós não são atendidos. *Beneficência Social*, págs. 46 e 47 diz: "Muitos olham com indiferença e desdém os que arruinaram o templo da alma... Estão trabalhando, crêem na causa de Cristo, e procuram empreender algo de valor. Sentem que estão fazendo grande obra e não se podem deter para notar as vicissitudes do necessitado e do infeliz... Apesar disso acham que tudo isto é justificado, porque estão cuidando em promover a causa de Cristo."

A natureza essencial do ministro não é administrativa, social, educativa ou política, mas espiritual. O ministro hoje é chamado um pastor — da palavra latina "pascere" que quer dizer "alimentar." O ministro verdadeiro alimenta seu rebanho. Ele prega a palavra. "Insta quer seja oportuno, quer não. Corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina." (II Tim. 4:2.)

No século XIX, na Inglaterra, o ministro foi chamado o "cura," porque a vocação dele era a cura das almas. "Porque os são não precisam de médicos e sim os doentes."

O ministro é antes de mais nada, um líder espiritual que educa, aconselha e encoraja o crescimento espiritual de sua congregação. Ele é um médico espiritual — o médico da alma. A Bíblia chama seu serviço "O Ministério da

Palavra" (Atos 6:4), "O Ministério da Reconciliação" (II Cor. 5:18), "O Ministério para testemunhar o evangelho da graça de Deus" (Atos 20:24).

Precisamos de uma verdadeira fome por almas. E. G. White escreveu: "Nossa preocupação maior deve ser... a salvação de almas e para conseguirmos isso, devemos fazer tudo que estiver ao nosso alcance." Precisamos uma fome por almas como Martinho Lutero teve. Como pastor, professor e reformador deve bastante deveres mas ainda assim, foi dito dele: "Ele nunca perdeu de vista a alma individual."

Precisamos ter a fome por almas que João Wesley teve quando fundou seu "Clube Santo" para a salvação dos seus colegas no Seminário.

Precisamos a atitude de Ricardo Baxter, o pregador puritano, que escreveu: "Estamos procurando sustentar o mundo, salvá-lo da maldição de Deus, aperfeiçoar a criação, atingir os meios da redenção de Cristo."

Meus alunos, com relação a toda a organização e promoção que vocês devam fazer, estas coisas são uma parte do ministério — Sim. Elas são muito importantes — Sim. Mas, elas não são fundamentais. Elas são meios para os fins. Mas não o fim em si mesmas. A verdadeira finalidade do ministério é criar a imagem de Cristo no povo. "Meus filhos" escreveu Paulo aos Gálatas, "porque de novo sofro as dores de parto, até ser Cristo formado em vós" (Gál. 4:6). Isto é ministério.

Em segundo lugar, o sacerdote e o levita falharam em seu ministério porque eles não sabiam como tornar prática a sua religião.

Creio que o compositor inglês do século 19, Vaughan Williams, descreveu o dilema deles bem como o seu próprio, quando disse: "É um problema eterno que confronta todos aqueles que sentem que têm o impulso criador; devo isolar-me do mundo para seguir as ordens da minha consciência artística? ou descerei ao mundo dos homens para mostrar-lhes o que tenho aprendido sobre a eternidade e a beleza?"

O sacerdote e o levita falharam porque eles nunca puderam descer ao mundo dos homens para solver os problemas práticos do homem. Sabiam tudo sobre teologia sistemática, mas não sabiam nada sobre teologia aplicada. Gostavam de especular sobre o hipotético como quando chegaram a Jesus com a pergunta: "Uma mulher teve sete maridos, os quais morreram um após outro. Qual deles será o seu marido no Céu?" Eles gastavam tempo em questões triviais, a exemplo dos discípulos, que podiam ignorar as necessidades óbvias de um homem doente e preocupar-se com a questão inútil: "Quem pecou, este ou os seus pais?"

Eram famosos por seus longos discursos, argumentos complicados de lógica fraca, apoiada por muitas citações da tradição. Qualquer pes-

soa pode ler no Mishna e Talmude o método estereotipado que usavam na sua pregação. Cada regra de fé é introduzida em geral assim: "Rabino Bem Zacai disse que Rabino Bem Joana disse que Rabino Gamaliel disse que Rabino Helel disse," e assim por diante. Mas o fato é que nada disso ajudava espiritualmente ao povo.

Acho que temos muitos sacerdotes e levitas em nossos púlpitos cristãos hoje também. Homens cujos sermões não são mais do que estudos teológicos pobres sobre pontos insignificantes de doutrina que nada tem a ver com as necessidades espirituais do povo. Como o pregador Harry Emerson Fondech disse: "Somente o pregador continua, ainda hoje, a pensar que o povo vai à igreja ansioso desesperadamente por descobrir o que aconteceu aos jebuseus."

Outros ministros, pensam que devem ser jornalistas no púlpito, informando à sua congregação sobre as últimas notícias do rádio e da televisão. Mas isso também é inútil. "Somos mandados" escreveu um teólogo, "não para pregar sociologia mas salvação; não para pregar economia mas evangelismo; não cultura mas conversão . . . não uma organização nova mas uma criação nova; não democracia mas o evangelho; não civilização mas Jesus Cristo. Somos embaixadores, não diplomatas."

Outros há, todavia que têm alguma coisa para dizer e que vale a pena. Mas, não raro eles a escondem por trás de uma linguagem teológica que a maioria do povo não pode compreender.

Um diretor duma colônia de férias para jovens, uma vez, fez um estudo sobre o conhecimento religioso dos rapazes e moças que frequentaram o campo durante um período de 3 anos. 70% destes jovens admitiram que não compreendiam bem, termos comuns usados no púlpito tais como Graça, Justiça, Redenção, Salvação, Justificação e Santificação.

Ministros perdem preciosas almas, muitas vezes, porque eles não falam a elas na sua linguagem própria. Tomai por exemplo o pedido comum: "Dá o teu coração ao Senhor."

Um leigo uma vez perguntou: "Como posso fazer isto? Meu coração é um músculo. Posso cortá-lo e colocá-lo na cesta de ofertas?" Esta é a razão pela qual os evangelistas, em geral, acompanham tal apêlo com o convite para que venham à frente. Dão assim ao povo alguma coisa tangível para fazer. Se tão-somente explicássemos que na Bíblia, quando os judeus usavam a palavra "coração," queriam realmente dizer "mente"! Para eles, a mente era consciência, a sede da vontade, a sede de toda a ação e da conduta. Quando dizemos "dá o teu coração ao Senhor" realmente estamos dizendo: "Dá o controle da tua consciência, de tua vontade e de tua conduta ao poder do Espírito Santo." Desta forma, o povo nos pode entender melhor.

Agora vou dizer alguma coisa chocante a

vocês. Já temos gasto um ano estudando teologia sistemática. Temos estudado entre outras coisas o existencialismo, de Schleiermacher, o liberalismo de Rodolfo Bultmann, e a neo-ortodoxia de Karl Barth: Em certo sentido quero que vocês esqueçam completamente esses homens. O membro comum da igreja nunca ouviu falar a respeito destes homens. Como um leigo escreveu: "Precisamos a linguagem do povo na boca do erudito, isto é, precisamos guardar a teologia profunda que temos estudado neste ano, mas agora, precisamos descer ao mundo dos homens, para colocar estes pensamentos numa linguagem que os leigos possam entender."

Se não pudermos fazer isto, seremos como o sacerdote e o levita que sabiam tanta teologia especulativa mas não sabiam como realmente resolver os problemas do homem.

Um filósofo falou certa vez: "Cada homem é um problema, senão a outros, pelos menos a si mesmo." Se vocês tiverem 100 membros na sua congregação no sábado pela manhã, terão pelo menos 100 problemas — emoções confusas, complexos, medos, ansiedades, preconceitos, ciúmes, pecados e outros problemas. Cada sermão, sem exceção, deve ter como seu objetivo principal a solução de algum problema que tenha perturbado a mente dos fiéis e pesado na consciência da congregação. Cada sermão deve ser como psicoterapia de grupo em escala de massas.

Sinto pesar pelo pregador negligente que disse: "Minha responsabilidade é simplesmente explicar as doutrinas principais da nossa igreja e o dever do povo é aplicá-las."

Meus alunos, se não podemos explicar ao povo como aplicar o evangelho, para resolver seus problemas pessoais, então, como o sacerdote e o levita seremos também culpados de pregar uma teologia irrelevante, afastada completamente das necessidades verdadeiras do povo.

Em terceiro lugar, o sacerdote e o levita falharam no seu ministério porque não tinham nenhum amor verdadeiro pelo povo. *O Desejado de Todas as Nações* relata que:

"Os sacerdotes gloriavam-se de sua piedade; pretendiam ser os guardas do povo; eram, no entanto, faltos de simpatia e compaixão. O pobre, o doente e o moribundo em vão suplicavam favor. Seus sofrimentos não despertavam piedade no coração dos sacerdotes."

Esta falha de amor verdadeiro entre os sacerdotes e os levitas pode ser vista, sobretudo, no seu orgulho. Alguém disse: "O ministro orgulhoso é um ladrão. Ele rouba a glória devida a Deus." Deus disse: "A Minha glória, pois, não a darei a outrem." (Isa. 42:8.)

O sacerdote e o levita magnificavam sua posição. Tinham orgulho de sua suposta autoridade. Tinham um sentido de superioridade que criava grande vácuo entre eles e o povo.

Marjorie Lewis Lloyd, no seu livro "Love on Fire," preservou um poema maravilhoso intitulado "O Erro do Pregador."

O poema conta a história de um pregador que se sentia tão santo que fez o seu escritório na torre da igreja para estar mais próximo de Deus. Por muitos anos ficou lá, comungando com Deus, escrevendo seus sermões e cada sábado os jogava lá de cima, para o povo embaixo. Um dia, quando já velho, Deus lhe disse: "Desça e morra." O ministro exclamou: "Onde Tu estás, ó Deus?" E Deus respondeu: "Estou embaixo, aqui entre o Meu povo!"

Meus alunos, precisamos descer e ficar entre o povo de Deus. Fala-se demais sobre o fato de o pastor ser chamado na Bíblia um bispo, isto é, um supervisor. Um ministro não está acima da congregação, ele é no máximo um dos da congregação, e em certos aspectos ele está abaixo da congregação. Há três palavras gregas no Novo Testamento que correspondem a "ministro" e todas significam "um servo," isto é: (a) *huperetes* — um subordinado; (b) *leitourgos* — um servo público (esta era a palavra favorita de Paulo para seu ministério); e (c) *diáconos* — servo.

O apóstolo Paulo escreveu: "Porque não nos pregamos a nós mesmos mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos por amor de Jesus" (II Cor. 4:5). Em outras palavras, o único poder verdadeiro que motiva o ministério é o amor. O ministro, por causa do seu amor, voluntariamente coloca a si mesmo em posição inferior à sua congregação, e a seu serviço para trabalhar para o bem-estar espiritual de todos.

Meus alunos, precisamos descer ao povo e amá-lo mais. Quero crer que a maior queixa dos membros leigos é que o pastor nunca os visita. Foi dito de Jesus: "Ele mesmo sabia o que era a natureza humana." (S. João 2:25.) E somente quando estamos entre o povo no espírito de amor aprendendo a pensar como eles pensam, partilhando as mesmas experiências, as tristezas e alegrias, que podemos, verdadeiramente ajudar o povo em seus problemas.

O Espírito de Profecia aconselha: "Havendo pregado um sermão, a obra do ministro apenas começou. Há um trabalho pessoal para ele fazer. Deverá visitar o povo em seus lares, falando e orando com eles, com fervor e humildade." — A. A., págs. 363 e 364.

Este tipo de trabalho o sacerdote e o levita não podiam fazer. O resultado de tal falta trágica foi que seu ministério tornou-se áspero e opressivo. *Parábolas de Jesus*, pág. 292, diz: "Sobrecarregavam os homens com pesados fardos, obrigando-os à prática de cerimônias que se relacionavam com cada passo da vida. O povo vivia em contínuo desassossêgo porque não

podia cumprir todas as exigências impostas pelos rabinos."

Temos ministros hoje que estão constantemente ralhando com o povo e dando-lhe, como diz a gíria, "uma lavada." Se tão-somente esses pregadores pudessem descer da torre e andar entre o povo de Deus, o espírito deles seria muito diferente. A Bíblia diz em I S. João 4:18: "No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo."

Paulo, em Filip. 1:16 e 17 menciona dois tipos de pregadores — aqueles que pregam "a Cristo por discórdia" e aqueles que pregam a Cristo por amor. Nunca deveria um ministro manifestar espírito argumentativo e belicoso no púlpito. Certamente numa época quando o amor se esfria de quase todos, devemos ser os primeiros a mostrar amor verdadeiro às nossas congregações.

Em último lugar, houve mais uma razão para a falta do sacerdote e do levita. Falharam no ministério deles porque tinham perdido sua experiência religiosa. Não tinham nenhuma ligação vital com Deus. A irmã White escreveu: "Nenhum laço ligava os sacerdotes e principais ao seu Deus." Possivelmente o sacerdote e o levita tinham começado sua carreira como pastores devotos e sinceros do Senhor, mas de algum modo tinham negligenciado alimentar suas próprias almas até que realmente ficaram mortos espiritualmente. A tragédia de tudo isso era que não descobriram a sua condição verdadeira. O *Desejado de Todas as Nações* diz: "Os próprios sacerdotes que ministravam no templo haviam perdido de vista a significação do serviço que realizavam. Deixaram de olhar além do símbolo para aquilo que ele significava. Apresentando as ofertas sacrificais, eram como atores num palco." — Pág. 26. O resultado de tal falta era que os sacerdotes e os levitas quase destruíram a imagem de Deus entre o povo.

"Lutando com Deus," escreveu Ellen G. White, "quão poucos sabem o que isto significa!"

Oh! Vocês dizem: "Começarei minhas devoções particulares quando sair desta escola." Absolutamente não! Vocês estarão mais ocupados no Campo do que jamais estiveram na Escola. Se vocês não iniciarem as devoções pessoais agora a probabilidade é que vocês nunca a farão.

É possível ser um aluno de teologia e ainda não conhecer a Jesus Cristo como o seu Salvador pessoal. De fato, é possível ser um ministro lá fora e não ser ainda convertido. Há poucos anos um ministro e professor de teologia aceitou a Jesus Cristo pela pregação de Billy Graham. Tinha 73 anos e depois de ir para a frente disse: "Em todos estes anos que tenho ensinado, pregado e escrito, nunca tive paz nem a garantia de que houvesse nascido de novo. Hoje à noite descobri paz pela primeira vez na minha vida!" Que tragédia para nós quan-

do desconhecemos completamente o poder do evangelho que estamos procurando proclamar. A obrigação do ministro na sua vida pessoal é muito grande. Um dia, um ministro bateu à porta da casa de um membro da sua igreja. Uma menina respondeu e quando ela viu o ministro, ela gritou: "Mãe, Deus está à porta." Tal declaração pode parecer ridícula, mas freqüentemente esquecemos que o ministro é o representante de Deus. Muita gente determina sua concepção de Deus, pelo que pode ver no caráter do seu ministro. Um teólogo escreveu: "Pregar não é meramente dizer alguma coisa, mas fazer alguma coisa; é tornar-se a arena viva, na qual Cristo pessoalmente confronta os homens em juízo e redenção." "Porque nos tornamos espetáculo," escreveu Paulo, "ao mundo tanto a anjos como a homens." (I Cor. 4:9.)

Nunca devemos esquecer que não podemos converter a outros a menos que nós mesmos estejamos convertidos. Como João Crisóstomo lamentou: "Como é possível para um ministro persuadir por meio das suas palavras, quando seus atos estão em oposição à sua doutrina?" O povo quer mais do que uma religião de segunda mão ou uma teologia emprestada. Querem ver pastores com uma experiência de primeira mão com o evangelho.

Em geral, quando o apóstolo Paulo descrevia a história da salvação, ele usava o termo "o evangelho," mas às vezes usava o termo "meu evangelho." (Rom. 2:16; 16:25 e II Tim. 2:8). Não significava que ele houvesse originado o evangelho ou tivesse feito alguma mudança nêle. O evangelho era seu porque já tinha experimentado pessoalmente o poder salvador da sua graça. Em II Cor. 5:20 Paulo adiciona: "Somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio." A palavra "embaixador" aqui quer dizer "ser velho," e veterano de experiência. O pastor, somente pode tornar-se um embaixador verdadeiro para Deus, quando se torna um veterano na experiência pessoal em Jesus Cristo.

Isto não significa que o pastor deve ser perfeito. Existiu somente um homem perfeito neste mundo. Nem quer isto dizer que o pastor deve ser um anjo. Mas se ele não estabelece um padrão mais alto de piedade do que é achado na maioria dos leigos, então o ministério é escandalizado e sua congregação dirá: "Médico, cura-te a ti mesmo."

Nas palavras do Bispo Quoye — Pregar não é arte de preparar um sermão e dizê-lo à congregação. Pregar é a arte de formar um pregador e apresentá-lo ao povo. Mas a história não termina aqui, porque segundo a parábola:

"Certo samaritano, que seguia o seu caminho, passou-lhe perto e vendo-o compadeceu-se dele.

E chegando-se, pensou-lhe os ferimentos, aplicando-lhe óleo e vinho e colocando-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e tratou dele." S. Luc. 10:33 e 34.

Era uma coisa perigosa o que ele fez. Ele também tinha razões para passar de lado bem depressa. Não tinha nenhuma maneira de saber quão perto os ladrões realmente estavam. Possivelmente estavam esperando atacar uma segunda vítima. Mas ele não deu valor qualquer à sua própria segurança. Ele esqueceu completamente de si mesmo nesse serviço de amor. Ambos, *O Desejado de Todas as Nações* e *Parábolas de Jesus*, contam-nos que o bom samaritano era um símbolo do ministério de Jesus Cristo.

Hoje, o exemplo supremo para o ministério emular, e o maior de todos os ministros — Jesus Cristo. Ele disse a respeito de Si mesmo: "O Espírito do Senhor está sobre Mim pelo que Me ungiu para evangelizar aos pobres; enviou-Me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos" (S. Luc. 10:11). Jesus chamou a Si mesmo "O Bom Pastor" (S. João 10:11), Pedro chamou-O "O Supremo Pastor" (I S. Ped. 5:4). Mas para todos os homens Ele é o grande médico espiritual — o bálsamo de Gileade para curar doentes do pecado.

No fim da parábola, nas suas últimas palavras ao homem que era um intérprete da lei, isto é, um teólogo, Jesus Cristo se referiu ao Bom Samaritano, e disse: "Vai, e procede tu de igual modo." (S. Luc. 10:37.) Em outras palavras: "Vai, e imita aquêle ministério."

Meus alunos, precisamos imitar o ministério de Jesus. Precisamos fazer a obra espiritual que Ele fazia. Em nossos sermões precisamos alimentar o rebanho como Ele fazia. Precisamos humilhar-nos e trabalhar entre o povo de Deus para fazer um serviço pessoal. Por causa das nossas congregações precisamos santificar-nos, como Ele santificava a Si mesmo.

"Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois Ele . . . antes a Si mesmo Se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-Se em semelhança de homem, e reconhecido em figura humana, a Si mesmo se humilhou tornando-se obediente até à morte e morte de cruz." (Filip. 2:5-8). Sobre tudo, por causa do Evangelho, precisamos emular a abnegação de Jesus Cristo. Como o patriota inglês disse a caminho da força.

"Se eu cresse no evangelho, eu andaria sobre os meus joelhos e mãos, em cacos de vidro, e através da Inglaterra, a fim de contar aos homens que esse evangelho é a verdade."

Hoje à noite, gostaria de lançar-vos um desafio. O fim está muito perto. Não temos ne-

A Espôsa do Ministro . . .

(Continuação da pág. 15)

nhum tempo a perder. A necessidade maior nestas últimas horas é a de um ministério dedicado que coloque o fervor do evangelho no coração dos homens.

Creio que Platão, ignorantemente, falou sobre a pregação do evangelho quando descreveu o ensino da filosofia como "a chama que salta de orador a orador até que a alma mesma se incendie."

Pois foi João Batista que disse: "Eu vos batizo com água . . . mas Aquêle que vem depois de mim . . . vos batizará . . . com fogo." (S. Mat. 3:11).

O grande problema é que muitos pastores têm sido batizados com água, mas não com fogo.

Oro a Deus que todos vocês sejam batizados com fogo. E oro que sempre seja dito de vossos corações aquilo que foi dito do Santuário nos tempos antigos: "O fogo arderá continuamente sobre o altar; não se apagará." (Lev. 6:3.) — Sermão proferido em 10-12-1967, no Instituto Adventista de Ensino, aos formandos do 4.º ano Teológico.

"Eu Vos Escolhi . . ."

(Continuação da pág. 11)

Sim, não há maior gozo que ser um ministro ganhador de almas. Eu disse no início que via entre vós um presidente, um departamental, diretor de colégio, gerente etc. Mas, não são estas responsabilidades que dão gozo. Pelo contrário, dão aquela classe de preocupação que aflige. Entretanto, uma vida permanente em Jesus, em Seu amor e no amor ao próximo é uma vida de gozo, aquele gozo completo de que fala o grande Pastor.

É justamente isto que Ele vos está dizendo nesta tarde: "Vós não Me escolhestes a Mim, mas Eu vos escolhi a vós, e vos designei, para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça, a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em Meu nome, Ele vo-lo conceda. Isto vos mando: que vos ameis uns aos outros." (Vs. 16 e 17.)

Dentro de poucos minutos receberéis a imposição das mãos. Será um momento de gozo para cada um de vós. Que êste gozo, o gozo de um ministério vitalício, permaneça convosco cada dia.

Lutai cada dia, até o fim.

Quando a luta terminar, virá então o gozo completo: ver a Jesus face a face! Ver as almas que cada um de vós salvou!

É chegado o momento da imposição das mãos. Ouvi uma vez mais as palavras do grande Pastor: "Mas Eu vos escolhi a vós, e vos designei . . ."

Devem os pais ser seguros e amadurecidos emocionalmente, de modo que aceitem e amem os filhos pelo que são, como pessoas que têm os seus direitos, e não pelo que sejam capazes de fazer para agradar os pais ou honrar o nome da família. *Ensinar aos filhos que eles têm de ser bonzinhos porque o pai é ministro, é inculcar um falso senso de valores, e terá efeito oposto ao desejado. Devem eles aprender, por exemplo dos pais, que a única razão de serem bons é por amor aos princípios.* Devem os pais amar os filhos o bastante para colocar acima dos seus próprios os verdadeiros interesses e necessidades dos filhos. Devem criar um ambiente doméstico feliz, repousado, cheio de amor e risos. O lar deve estar livre de ansiosas preocupações, e ser cheio de fé, confiança e respeito mútuo. Como sempre, é o amor a solução. O amadurecido amor cristão assim exemplificado pelos pais, engendrará amor no coração dos filhos. Esta correspondência de amor não pode deixar de produzir em sua vida a obediência desejada. "Nunca vos esqueçais de que deveis tornar o lar alegre e feliz para vós mesmos e para vossos filhos, absorvendo os atributos do Salvador. Se introduzís a Cristo no lar, discernireis o bem do mal. . . Estareis aptos a ajudar vossos filhos a serem árvores de justiça, dando os frutos do Espírito." — *Idem*, pág. 17.

Os encargos maternos tornam-se mais pesados por estar tantas vezes ausente do lar o espôso. Isto não deveria ser assim, e a Sra. White muito escreveu acerca da responsabilidade do ministro para com a família (*Obreiros Evangélicos*, págs. 200-202, "O Ministro no Lar"). Um estudo recente revelou que o ministro protestante passa cerca de vinte e seis horas por semana com a família (*Pastoral Psychology*, setembro 1960, pág. 12). Isto inclui as refeições, as saídas com a família, devoções, assistir a TV com os filhos, e ajudá-los nos trabalhos domésticos. Isto representa menos de quatro horas por dia, isto é, bem menos do que passa com os filhos um operário de oito horas de trabalho. Com as crescentes e avassaladoras tentações do corrupto mundo de hoje, os filhos mais do que nunca precisam da estabilizadora influência da presença do pai, e de demonstrações de seu interesse pessoal nêles.

Certa ocasião, ao serem entrevistadas várias espôsas de ministros que foram felizes na criação dos filhos, tôdas acentuaram quanto lhes tinha valido o haver o espôso planejado cuidadosamente passar algum tempo com cada um dos filhos, e aproveitarem cada momento precioso da união da família. Essas são as paróquias das quais têm saído jovens ministros que

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

O Juízo Investigativo Sob o Aspecto do Conceito Arminiano

Pergunta 36 (Continuação)

VII. Cristãos Aconselhados a Tornar Firme Sua Eleição

O apóstolo Pedro, sentindo evidentemente a possibilidade de fracasso na vida cristã, escreve aos que haviam sido "purificados" de seus "pecados de out'ora," estimulando-os a com diligência procurarem confirmar sua eleição (II S. Pedro 1:9 e 10). E isto podem eles, pela graça divina, realizar. Diz êle: "Associai com a vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento; e com o conhecimento, o domínio próprio; com o domínio próprio, a perseverança;

prazerosamente seguem as pegadas de pais queridos e respeitados, assim como uma legião de médicos, enfermeiros, professores e outros que fizeram grandes contribuições em dignos campos de esforço humano. Não importa quão tentados se sintam por vèzes os filhos de ministros de julgar que ser apelidados de "filho de pastor" seja um embaraço, a maioria dos que estão em condições de recordar um lar como êsse, confessará que foi alto privilégio.

Termino citando palavras de uma notável mãe dentre as espôsas de ministro, conhecida minha. Quando lhe perguntaram a que atribuía a fidelidade de cada um de seus sete filhos à educação recebida na infância, e sua atividade na igreja, respondeu ela: "Tínhamos simplesmente um lar cristão normal, como é a média dos lares. A sinceridade não se ensina — vem por contágio. Nossa divisa era fazer o certo no tempo certo, e lembrar-nos de que um coração cheio de amor é a mais verdadeira sabedoria." — *The Ministry*, nov. 1969.

com a perseverança, a piedade; com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o amor" (v. 5-7). Depois, diz: "Porquanto, procedendo assim, não tropeçareis em tempo algum. Pois, desta maneira é que vos será amplamente suprida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (v. 10 e 11). cremos, portanto, que para tornar segura a nossa entrada no reino, precisamos crescer na graça e nas virtudes cristãs mediante a habitação de Cristo em nós.

Êle encerra sua carta com uma advertência, lembrando-lhes que alguns ignorantes e instáveis estavam torcendo as Escrituras para sua própria destruição (S. Pedro 3:16). Diz então: "Vós, pois, amados, prevenidos como estais de antemão, acautelai-vos; não suceda que, arrastados pelo êrro dêsses insubordinados, descaiais de vossa própria firmeza; antes, cresci na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (v. 17 e 18).

Paulo salienta o mesmo princípio em suas epístolas, se bem que o exprima em linguagem diversa. Diz êle que nos revistamos de tôda a armadura de Deus; combatamos o bom combate da fé, vigiemos em oração; que busquemos diligentemente as Escrituras; fuçamos da tentação e nos desviemos da impiedade e, como cidadãos do reino de Deus, entreguemo-nos ao domínio do Rei a fim de viver segundo os princípios de Seu reino. Para fazer qualquer dessas coisas, mesmo as menores delas, necessitamos do poder habilitador do Espírito em nós. Mas fazer o que é direito, anuir aos mandamentos de Deus, satisfazer qualquer ou tôdas as condições que mencionamos, jamais salvou uma alma — nem poderá nunca salvar um santo. A salvação procede inteiramente de Deus, e é um

dom de Deus, recebido pela fé. Havendo, todavia, aceitado êsse dom da graça, e com Cristo no coração, o crente vive uma vida vitoriosa sôbre o pecado. Pela graça de Deus, êle anda nas veredas da justiça.

Ao passo que os adventistas nos regozijamos de receber a salvação pela graça, e unicamente pela graça, regozijamo-nos também em que, por essa mesma graça obtemos presentemente vitória sôbre nossos pecados, bem como sôbre nossa natureza pecaminosa. E mediante essa mesma graça somos habilitados a resistir até ao fim e ser apresentados "com exultação, imaculados diante de Sua glória" (S. Judas 24).

A grande cena de juízo do Céu revelará claramente os que têm estado a crescer na graça e desenvolvendo caracteres semelhantes ao de Cristo. Alguns que têm professado ser povo de Deus, mas que Lhe têm desrespeitado o conselho, hão de, com pasmo, dizer ao Senhor: "Porventura não temos profetizado em Teu nome e em Teu nome não expelimos demônios, e em Teu nome não fizemos muitos milagres?" Sua resposta a êsses será breve mas positiva: "Nunca vos conheci. Apartai-vos de Mim, os que praticais a iniquidade." (S. Mat. 7:22 e 23). Uma vez que êles se demonstraram indignos de Seu reino, o Senhor em Sua justiça não pode fazer senão rejeitá-los. Eles *podiam haver feito a vontade de Deus mas preferiram seu próprio deliberado caminho.*

VIII. A Relação dos Crentes em Cristo com o Julgamento

Um cristão realmente renascido, cuja vida é agora dirigida e controlada pelo Espírito Santo, que vive "de modo digno do Senhor" (Col. 1:10), encontra em relação única para com Cristo, Seu Senhor e Mestre. Ele está "em Cristo" (II Cor. 5:17), e Cristo habita nêle (Col. 1:27).

Isto parece um paradoxo, todavia as imagens são belamente verdadeiras. A própria Natureza proporciona ilustrações dessa maravilhosa verdade que satisfaz a alma. Ao ser uma esponja imersa na água, torna-se uma dúvida se a água está na esponja, ou se a esponja está na água. Ambas as condições existem. De igual modo, se nos rendemos a Deus, e Cristo habita no coração, pode ser nossa a condição do apóstolo Paulo — "vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim" (Gál. 2:20).

Havendo Cristo tomado a nossa culpa e so-

frido o castigo de nossas iniquidades, o pecado não mais tem domínio sôbre nós — uma vez que "nêle" permaneçamos. Êle é nossa segurança. E enquanto essa atitude de submissão fôr mantida, não há poder na Terra que possa separar de Cristo a alma. Homem algum pode arrancar o crente das mãos do Salvador (S. João 10:28). Quer, porém, isto dizer, que o cristão não virá absolutamente em juízo? Alguns assim o crêem, e baseiam seu conceito em S. João 5:24. Nesse texto — "Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a Minha palavra, e crê nAquele que Me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida" — a palavra grega para "condenação" é *krisis*, e é de ordinário traduzida por "juízo." É, porém, achado por muitos eruditos cristãos que a verdadeira compreensão dêsse versículo, é "... não entrará em juízo."

É verdade que o grego *krisis* é as mais das vêzes traduzido na Bíblia pela palavra "juízo." Todavia isto não é absoluto, pois *krisis* tem outras nuances de significação. Por exemplo, essa palavra é traduzida por "acusação" (S. Judas 9; II S. Pedro 2:11), e "condenação do inferno" (S. Mat. 23:33; S. João 5:29). É também traduzida por "condenação" em S. João 5:24, em S. João 3:19 e S. Tiago 5:12. Assim, ao passo que a idéia predominante é "juízo," há em outras línguas o conceito de "Acusação" feita em tal sessão de juízo, e daí, de o indivíduo estar sob "condenação" devido à sentença do juízo; e ainda mais adiante, "condenação eterna" ou perdição, a punição dada ao ofensor.

Compreendemos conseqüentemente que o pensamento em S. João 5:24 é melhor traduzido pela palavra "condenação" no sentido em que a mesma palavra grega *krisis* é traduzida em S. João 3:19: "E a *condenação* é esta: "que a luz veio"; e em S. Tiago 5:12: "... para que não caiais em *condenação*." Mesmo versões acreditadas, que traduzem *krisis* como "juízo" em vários dos textos citados, traduzem-no por "condenação" em S. Tiago 5:12. O crente cristão, estando em Cristo, não está sob condenação, seja da lei, seja do pecado, pois se está inteiramente entregue a Deus, a justiça de nosso bendito Senhor cobre qualquer falta que pudesse haver em sua vida. O filho de Deus, tendo em ordem seu título ao Céu, não precisa entreter nenhum temor de um dia de juízo. Permanecendo em Cristo, tendo Jesus como seu Advogado, e inteiramente entregue e dedicado a seu Senhor, sabe que "nenhuma condenação [grego Katakrima] há para os que estão em Cristo Jesus." (Rom. 8:1.)

IX. Juízo Investigativo como Parte do Programa de Deus

Em vista dos princípios aqui expostos, parecem-nos demasiado claro que a aceitação de Cristo na conversão não sela o destino de uma pessoa. O registo de sua vida posteriormente à conversão também é importante. O homem pode voltar atrás em seu arrependimento, ou mediante descuidosa desatenção deixar escapar a própria vida que esposou. Nem se pode dizer que o registo de uma pessoa se encerra quando ela chega ao fim de seus dias. Ele é responsável por sua má influência durante a vida, e é certamente do mesmo modo responsável por sua influência depois da morte. Para citar as palavras do poeta: "O mal praticado pelos homens a eles sobrevive," deixando um rasto de pecado a ser lançado em conta. Para ser justo, parece que Deus precisaria tomar em conta tudo isso no juízo.

Que deva haver um juízo não é coisa estranha. As Escrituras revelam fazer êle parte do eterno plano de Deus (Atos 17:31), e todos os Seus caminhos são justos. Dissesse isto respeito a Deus somente, não seria necessária uma investigação dos registos da vida dos homens nesse juízo, pois como nosso eterno Soberano Deus, Êle é onisciente. Conhece o fim desde o princípio! "Mesmo antes da criação do mundo sabia Êle que o homem havia de pecar e que necessitaria de um Salvador. Demais, como Soberano Deus, sabe também exatamente quem vai aceitar e quem vai rejeitar Sua "grande Salvação" (Heb. 2:3).

Se o caso dissesse respeito só a Deus, não haveria certamente necessidade de registos. Mas para que os habitantes de todo o universo, os anjos bons e maus, e todos quantos já houvessem vivido na Terra, pudessem compreender Seu amor e Sua justiça, a história da vida de toda pessoa que já viveu neste mundo foi registada, e no juízo serão abertos êsses registos — pois todo homem será julgado segundo o que é revelado "nos livros" do registo (Dan. 7:10; Apoc. 20:12).

O amor e a justiça de Deus têm sido impugnados por Satanás e suas hostes. O arquenganador e inimigo de toda justiça tem feito parecer que Deus é injusto. Portanto, em infinita sabedoria Êle determinou resolver para sempre toda dúvida. Isto faz pondo a descoberto perante o inteiro universo a total história do pecado, desde seu início. Será então patente porque Êle, como o Deus de amor e de justiça,

precisa rejeitar de modo irrevogável os impenitentes, os quais se aliaram com as forças da rebelião.

Justo a que se assemelhem êsses "livros," não sabemos. Isto não foi revelado. As Escrituras, porém, tornam claro que, seja qual for a natureza d'esses registos, desempenham papel vital na cena do juízo. Além disso, são apenas os que venceram pelo sangue do Cordeiro, os que terão os nomes conservados no livro da vida do Cordeiro.

Em um de nossos livros padrões, Ellen G. White descreveu-o assim:

"Deve haver um exame dos livros de registo para determinar quem, pelo arrependimento dos pecados e fé em Cristo, tem direito aos benefícios de Sua expiação. A purificação do santuário, portanto, envolve uma investigação — um julgamento. Isto deve efetuar-se antes da vinda de Cristo para resgatar Seu povo, pois que, quando vier, Sua recompensa estará com Êle para dar a cada um segundo as suas obras." — *O Conflito dos Séculos*, pág. 421.

Entendemos que Cristo, como Sumo Sacerdote, conclui Seu ministério intercessório no Céu, numa obra de juízo. Inicia sua grande obra de julgamento na fase *investigativa*. Na conclusão dessa obra investigativa, é pronunciada a *sentença* de juízo. Então, Cristo descerá como juiz para *executar*, ou levar a efeito essa sentença. Quanto à sublime grandeza, coisa alguma se pode comparar, na palavra profética, a descrição de nosso Senhor ao descer Êle pelo espaço, não como sacerdote, mas como Rei dos reis e Senhor dos Senhores. E com Êle estão todos os anjos do Céu. Êle ordena aos mortos, e aquela grande e inumerável hoste dos que dormem em Cristo saem para a imortalidade. Ao mesmo tempo, os que, entre os vivos, são verdadeiramente filhos de Deus são arrebatados juntamente com os remidos de todos os séculos a encontrar seu Salvador nos ares, e para estar para sempre com o Senhor.

Ao ser consumada a última sentença de juízo dada por Deus, os remidos cantarão o cântico de Moisés e do Cordeiro, dizendo: "Grandes e admiráveis são as Tuas obras, Senhor Deus, Todopoderoso! Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei das nações! Quem não temerá e não glorificará o Teu nome, ó Senhor? pois só Tu és santo; por isso tôdas as nações virão e adorarão diante de Ti, porque os Teus atos de justiça se fizeram manifestos." Apoc. 15: 3 e 4.